

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero*Camila Trindade¹**Tielly Rosado Maders²**Liandra Savanhago³**Maria Chalfin Coutinho⁴***Resumen**

El presente artículo tiene como objetivo presentar la potencialidad de utilizar el enfoque biográfico para resaltar las articulaciones entre género y trabajo, mediante el análisis de las historias de vida de dos trabajadores brasileños que realizan ocupaciones típicamente femeninas y masculinas. Para eso, utilizamos dos entrevistas que formaron parte de diferentes investigaciones de nivel de maestría en un Programa de Postgrado en Psicología. La primera entrevista, fue realizada con una profesora de Educación Básica y apuntó las contradicciones que constituyen la vida de una mujer, atravesada, sobre todo por las relaciones que se establecieron entre la maternidad y el trabajo. La segunda entrevista, fue realizada con un trabajador offshore e indicó, principalmente, el papel de la figura masculina como responsable central por el sustento financiero de su familia. Comprender las articulaciones entre las Historias de Vida, nos permitió evidenciar la pertinencia de las discusiones acerca de las categorías Género y Trabajo engendradas en el desarrollo de las diferentes formas de trabajos, en la constitución de los sujetos y en la formación de sus respectivas relaciones. Nos propuso, también, revelar las Historias de Vida como un enfoque biográfico prometedor para el desarrollo de investigaciones en el área de la Psicología Social del Trabajo.

Palabras clave: Historia de Vida - Género - Trabajo - Psicología Social del Trabajo

Life-story in psychology: connections between work and gender**Abstract**

This article aims at showing the potential use of the biographical approach to highlight the connections between gender and work by studying two Brazilian workers' case-histories who have typically female-and-male occupations. To do so, we applied two interviews of different master-level research of a Postgraduate Program in Psychology. The first interview was done to a Basic Education teacher and it specifically pointed out the contradictions between motherhood and work. The second one involved an offshore worker and primarily pointed out the male-role as the main responsible one in supporting the family. In understanding the connections between the life-stories enabled us to account for the relevance of the debates on gender and work categories within the different jobs, the subjects' constitution and their respective relationships. It also allowed us to disclose the life-stories as a promising biographical approach for some research development within the Social Psychology of Work area.

Keywords: Method- Life-story- Social Psychology of Work.

Introdução

As pesquisas e discussões sobre gênero vêm ganhando cada vez mais visibilidade e abarcando diversos aspectos da realidade social latino-americana, entre os quais destacamos a desigualdade de gênero nos contextos laborais. Tais desigualdades são evidenciadas cada vez mais em virtude da ampliação da inserção das mulheres no

mercado de trabalho, para além do contexto privado de produção e reprodução da vida (Falquet, 2016).

É importante observarmos que essas transformações passam a constituir as diferentes esferas da vida dos trabalhadores e também o desenvolvimento de diferentes formas da produção e organização de suas vidas. Com isso, além de

¹ Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Email: trindadecami@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Email: tiellypsi@gmail.com

³ Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Email: liaasav93@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Email: mariachacout@gmail.com

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

outros aspectos, as contradições de gênero se mostram cada vez mais evidentes no âmbito da vida em geral e, particularmente, no campo do trabalho. Nesse contexto, como meio para compreender as diferentes trajetórias de trabalho traçadas pelos trabalhadores, optamos pelo uso das Histórias de Vida. As quais, no contexto das abordagens biográficas, expressam a possibilidade da construção de conhecimento a partir do discurso dos sujeitos quanto às suas condições concretas de vida, e por isso não podem ser compreendidas simplesmente como uma ferramenta complementar de pesquisa (Barros & Silva, 2014).

Neste trabalho utilizamos o método das Histórias de Vida a partir da perspectiva das Ciências Sociais, a qual teve como marco histórico de surgimento a publicação, em 1918, de Thomas e Znaniecki, intitulada “*The polish peasant in europe and america: a classic work in immigration history*” (Pinto, Carreiro & Rodriguez, 2015). As Histórias de Vida constituem-se enquanto expressão de “algo ‘vívido’: com origem e desenvolvimento, com progressões e regressões, com contornos muito precisos, com suas figuras e seu significado” [tradução nossa] (Ferrarotti, 2007, p. 28). Isto é, da mesma forma que a vida dos sujeitos não é concebida e concretizada de forma linear, programática e estática, as Histórias de Vida dos mesmos também não o são, pois estas expressam o movimento real que constitui a vida humana a partir da historicidade.

A partir dos breves fundamentos sobre as Histórias de Vida, o objetivo deste estudo é apresentar as potencialidades do uso da abordagem biográfica para evidenciar as articulações entre gênero e trabalho por meio da análise das histórias de vida de dois trabalhadores brasileiros que exercem ocupações tipicamente femininas e masculinas.

Assim, os trabalhadores que fizeram parte desta discussão foram uma professora da Educação Básica e um petroleiro *offshore*, entrevistados durante os estudos exploratórios desenvolvidos pelas duas primeiras autoras deste artigo em suas pesquisas de mestrado. O trabalho foi organizado inicialmente com debates teóricos sobre trabalho e gênero, seguido das discussões sobre a abordagem das Histórias de Vida. Posteriormente, retratamos as histórias de vida dos entrevistados com uma discussão e articulação entre ambas; e por fim, apresentamos os apontamentos finais.

Gênero e Trabalho

Para além das transformações sociais decorrentes de movimentos sociais e da ampla inserção de mulheres no mercado laboral, como uma das expressões da divisão social do trabalho,

ressaltamos as distintas funções desenvolvidas por homens e mulheres, oriundas da construção histórica da sociedade de classes.

É nessa perspectiva que destacamos a importância e necessidade de compreender a formação da divisão sexual do trabalho. Esta categoria de análise revela as formas “de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo” (Kergoat, 2009, p. 67), a partir de cada forma social na qual o trabalho é desenvolvido. Devido a isso, entender a divisão sexual do trabalho apresenta-se como fundamental “para compreensão do processo de constituição das práticas sociais permeadas pelas construções dos gêneros a partir de uma base material” (Quirino, 2015, p. 233). A análise histórica do processo de divisão sexual do trabalho nos revela que as diferenças de ordem biológica foram inúmeras vezes consideradas para justificar tal divisão e, conseqüentemente, articular e restringir a figura feminina ao campo de trabalho doméstico (reprodução, cuidado, limpeza), enquanto diversos outros campos de trabalho no âmbito público ficaram articulados em função da figura masculina, denotando assim o caráter social da divisão sexual do trabalho (Holzmann, 2011).

Para além da perspectiva biologicista e da análise exclusiva de uma delimitação histórica, não se pode prescindir do caráter de classe que essa divisão assumiu no contexto do modo de produção capitalista (Saffioti, 2013). A lógica de produção de mercadorias tende, por um lado, a limitar a capacidade do sistema de integrar os sujeitos no processo produtivo e, por outro, acirrar a competitividade entre os trabalhadores independente da condição de gênero, uma vez que o objetivo principal é a produção da mais-valia. Para ilustrar tais fenômenos, os dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Fontoura & Rezende, 2017) indicam a intensificação do fenômeno conhecido como “dupla jornada”, no qual se perpetua a responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico não remunerado, somado a outras atividades remuneradas fora do ambiente doméstico. Essa desigualdade se acentua, segundo a mesma fonte, quando se considera a jornada média semanal de trabalho, pois evidencia que as mulheres continuam a trabalhar semanalmente cerca de 7,5 horas a mais que os homens.

Para Antunes (2009), esse movimento revela-se para as mulheres como uma forma de dupla exploração por parte do capital, pois tanto no espaço público quanto no espaço privado, elas desenvolvem a atividade de trabalho. É interessante observar que esse processo possibilita a própria manutenção da força de trabalho, na medida em que são criadas as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho das famílias dos trabalhadores, e com isso tem-se a própria

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

reprodução do capital. Ou seja, vivenciamos a efetivação de uma construção social sexuada, na qual homens e mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho (Antunes, 2009). Para além da determinação de gênero, o recorte de classe também é fundamental, visto que este permite identificar que mesmo no interior de uma relação de gênero, também existem diferenças concretas a serem consideradas.

A ampliação da inserção feminina no mercado de trabalho passou a estabelecer disparidades entre as atividades desenvolvidas pelos diferentes gêneros, as quais são expressas sobretudo por meio de relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Lameirão (2011) aponta que tais distinções são orientadas por um conjunto de símbolos e representações culturais sobre os papéis femininos e masculinos, definidas enquanto aptidões “naturais” da mulher e apropriadas à participação na esfera privada, enquanto as aptidões “naturais” do homem estariam adequadas à esfera pública.

Construindo os relatos das Histórias de Vida

Nas pesquisas baseadas em Histórias de Vida, os relatos orais são sempre endereçados a alguém, neste caso, as pesquisadoras. Conforme Barros e Silva (2014), além de ouvir o que o interlocutor tem a dizer sobre ele mesmo, as pesquisadoras devem registrar as histórias e informações elaboradas pelos sujeitos. Por isso, as autoras pontuam a importância de, com o tempo, buscar estabelecer relações baseadas em vínculos recíprocos de confiança e afinidade com a pessoa que conta sua história. É nessa perspectiva que consideramos fundamental o envolvimento e responsabilidade das pesquisadoras, tanto no momento da entrevista quanto na análise dos relatos obtidos com os sujeitos sobre as suas Histórias de Vida.

Ao utilizar as Histórias de Vida, Ferrarotti (2007) afirma a importância de se estabelecer boas relações entre interlocutor e pesquisador, no sentido da construção de uma aproximação e interesse recíproco. É importante destacar que essas relações também estão submetidas ao que o entrevistado pensa sobre seu interlocutor, suas expectativas e anseios sobre o próprio processo. Durante o processo de contar a sua história, muito mais do que um relato de fatos, há sempre a invocação à memória, uma reconstrução do passado pela perspectiva do presente e atravessado por marcas sociais (Pinto, Carreiro & Rodriguez, 2015). Quando discorrem sobre a reconstrução do passado, Barros e Silva (2014) afirmam ser função da historicidade, assegurada pela singularidade do

funcionamento psíquico de cada um, permitir ao sujeito operar mudanças em relação às lembranças das histórias passadas. Neste sentido, como apontado pelas autoras, a partir desse movimento os sujeitos têm a possibilidade de reestruturar o sentido de sua história, uma vez que os mesmos não são passivos diante da produção dos seus relatos. Para Meneghel (2007):

Ao buscar pelo fio da memória o enunciado é o avesso, ou seja, olhar para trás, recordar, lembrar, em uma relação na qual fazem parte um sem número de sujeitos: o narrador, a pessoa que ele foi e não é mais, a pessoa que ele é agora, o ouvinte que ouve, o ouvinte que rememora, o ouvinte que vai mudando ao sabor da narrativa (p. 126).

O caráter literário presente na abordagem das Histórias de Vida, segundo Meneghel (2007) evidencia-se na medida em que essas podem ser ouvidas ou contadas, e com isso produzem efeitos entre os interlocutores da mesma forma que um ficcionista ou cineasta, que ao utilizar a linguagem recheada de analogias e metáforas, traduz emoções e envolve/mobiliza o ouvinte. Para a autora, as Histórias de Vida permitem que o pesquisador entre em contato não só com a História de Vida do entrevistado, mas também com a vida em si, fazendo com que haja uma troca simbólica e afetiva entre os interlocutores.

Bosi (1994, p. 39), em sua clássica pesquisa com velhos, coloca que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão”. Entendemos que essa relação de proximidade possibilita que a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa se sintam envolvidos e reflitam sobre suas próprias questões.

Os relatos produzidos oportunizam conhecer depoimentos sobre acontecimentos difíceis de serem conhecidos fora da história do sujeito, ou seja, tais acontecimentos passariam despercebidos e longes das histórias oficiais que são contadas (Barros & Silva, 2014). Nesse aspecto, numa sociedade de cultura massificada, ouvir e contar histórias pode ser considerada uma astúcia, pois “as histórias não são inócuas, elas disparam resistências, entendidas como astúcias de caçadores, maneiras de dar golpes, prestidigitações e jogos de palavras” (Meneghel, 2007, p. 125).

Além da relação entre pesquisador e interlocutor, há ainda o importante momento de organizar e analisar todas as experiências e

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

produções desveladas por meio da construção das Histórias de Vida. Como possibilidade de organização e análise das Histórias de Vida, Ferrarotti (2007, p. 27) indica a formação de núcleos ou de “áreas problemáticas” a partir do conteúdo das narrativas dos sujeitos. Entre tais áreas o autor destaca “a socialização primária (família, escola), a esfera sexual, o trabalho e a possibilidade de encontrar uma ocupação, como se diz, ‘criativa’, os vínculos com o casal e com as crianças” [tradução nossa] (Ferrarotti, 2007 p. 28). É importante pontuar que, apesar da formação de núcleos de discussão, estes devem estar articulados ao contexto histórico, cultural e econômico, no qual os sujeitos produziram os seus relatos. Devido a análise minuciosa de todo esse processo, Meneghel (2007) destaca que as Histórias de Vida assumem também um caráter artesanal.

É possível observar no Brasil o crescimento de pesquisas com uso do método de Histórias de Vida em estudos de Psicologia no campo do trabalho⁵. Nem sempre esses estudos evidenciam as questões de gênero articuladas ao trabalho, como é o caso da pesquisa apresentada por Coutinho, Maders, Westrupp e D’Ávila (2018), na qual, por meio da história de uma trabalhadora doméstica, as autoras evidenciam o trabalho doméstico remunerado e não remunerado exercido pela participante.

Considerando o objetivo proposto, pretendemos evidenciar o quanto os marcadores de gênero atravessam as relações cotidianas dos entrevistados, constituindo suas histórias pessoais e ocupacionais. Para tanto, fizemos o recorte de duas pesquisas de mestrado, e apresentamos as histórias levantadas por meio de entrevistas baseadas em um roteiro semiestruturado, que tinha como objetivo suscitar a produção de relatos sobre as Histórias de Vida e as experiências sobre o cotidiano de trabalho de dois trabalhadores. Assim, realizamos uma entrevista com uma professora da Educação Básica, cujo nome fictício é Cecília, com a duração de, aproximadamente, duas horas, e uma entrevista com um trabalhador *offshore*, cujo nome fictício é Cláudio, com duração de aproximadamente três horas e 30 minutos⁶.

Salientamos que a escolha dos sujeitos que compõem o presente estudo se deu a partir do desenvolvimento dos estudos exploratórios de campo de distintas pesquisas de nível mestrado da primeira e segunda autora, tais pesquisas foram realizadas a partir da abordagem da Psicologia

Social do Trabalho. Por meio do movimento entre os relatos empíricos e a leitura da literatura científica, a presente discussão foi delineada a partir de duas categorias de análise: Trabalho e Gênero.

Resultados

História de Vida de uma professora

Ao investigar a profissão docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Chamon (2005) revela que essa atividade historicamente é desenvolvida por mulheres. É partindo desse apontamento que apresentamos Cecília, professora do Ciclo da Alfabetização do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de educação da cidade Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

A professora inicia o relato de sua História de Vida com seguinte afirmação: “*a minha história, ela é uma história meio triste assim, sabe? porque já aconteceram muitas coisas na minha vida que eu tive que superar, sabe?*”. Cecília nos conta que migrou do interior do estado do Paraná para morar na capital do estado de Santa Catarina⁷, junto com um familiar quando tinha dezesseis anos. Essa mudança, segundo ela, foi devido ao fato de ambos estarem buscando melhores condições de vida e trabalho. Mesmo após a mudança e com todas dificuldades que vivenciou na capital catarinense, ela afirma que não pretendia e nem sentia vontade de retornar para o interior do Paraná. Após essas colocações, Cecília relata a sua experiência com a maternidade, justificando tal processo, com a sua possível falta de maturidade à época:

[...] eu queria morar aqui e tal, só que assim eu era bem do interior, né, muito imatura mesmo, e aí eu acabei... E aí eu acabei engravidando, eu tinha 16 anos, eu conheci o pai da minha filha e acabei engravidando [...] (Cecília).

Posterior à experiência de gravidez, Cecília afirma que encerrou o relacionamento com o pai da criança. Tal fato, implicou em ter que assumir a totalidade dos cuidados que envolvem ter uma criança: “*eu me vi sozinha com uma criança e tinha que sustentar, né, a criança, a responsabilidade...*”. Entre o processo de gravidez, o nascimento e os primeiros anos de sua filha, a

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

professora revela que, mesmo diante de inúmeras dificuldades, buscou fazer um curso de Hotelaria e Turismo, pois sempre gostou *“muito de ler e de estudar”*, enfatizando que: *“adorava, assim...”*. Porém, devido à dificuldade de conciliar os estudos com as rotinas de cuidado da sua filha e de trabalho, teve que interromper o curso.

Cecília enfatizou que precisava trabalhar, em razão da necessidade de ter uma renda que garantisse tanto seu sustento quanto o da criança. Nesse processo, devido à falta de estudo e de experiências laborais, segundo ela, era difícil conseguir um emprego formal (com garantias trabalhistas e proteção social). Por isso, muitas vezes acabava realizando “bicos”: *“[...] às vezes eu tinha que pegar assim e fazer faxina, eu passava roupa eu fazia de tudo um pouco, eu já trabalhei de costureira”*.

Apenas quando sua filha fez quatro anos de idade que Cecília conseguiu retornar seus estudos. Primeiro, terminou o período de escolarização formal, realizando um curso supletivo, o qual possibilitava que estudasse em casa e ficasse na companhia da filha:

Era um que eu estudava em casa e só iria fazer a prova. Porque era o jeito que eu encontrava de estudar! Porque a minha filha não deixava, eu estava fazendo as minhas coisas e ela queria mexer nas coisas. Enfim, foi o jeito que eu encontrei de voltar a estudar [...].
(Cecília).

Depois do término do supletivo, a professora relatou que tinha muito interesse em dar continuidade nos estudos e, para isso, foi para o magistério.

Concluí o supletivo e fui fazer o magistério, primeiro porque era gratuito, e eu não podia pagar, e porque a colocação no mercado de trabalho era logo, meio que de imediato. Fiz, então, no Instituto Estadual de Educação o magistério, sempre com a filha assim, né, trabalhando e estudando (Cecília).

Cecília enfatiza que nesse período de estudo, também teve que trabalhar para garantir o seu sustento, trabalhando novamente em “bicos”, ou seja, em atividades temporárias e informais, e delegando o cuidado de sua filha para outras pessoas: *“parentes, alguém ficava com a menina, os amigos, as amigas, ela ficava na creche, né, um cambalacho assim, para poder estudar”*.

Quando estava terminando o magistério, a professora relatou que prestou o vestibular da

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, para o curso de Pedagogia. Relata que o fez o vestibular sem muitas expectativas de ser aprovada, devido ao fato de ter feito o Ensino Médio na forma de supletivo e, na época, não haver incentivo de ações afirmativas para acesso à universidade. Nesse mesmo período, Cecília também fez concurso público para a Prefeitura Municipal de Florianópolis, para o cargo de auxiliar de sala.

Para a sua satisfação, Cecília relata que foi aprovada em ambas as provas. E desta forma, iniciava-se um novo período de intensas atividades para ela: *“Foi um outro desafio fazer o curso, porque o curso era a tarde [...] eu trabalhava de auxiliar meio período e o outro meio período eu ia para a universidade [...]”*. Contudo, mesmo agora possuindo um emprego formal, o salário que recebia como auxiliar de sala não era o suficiente para cobrir suas despesas. Por isso, Cecília passou a desenvolver outras atividades, inclusive aos finais de semana e no final do ano: *“aos sábados eu tinha que fazer alguma coisa para complementar a renda, porque só o que eu ganhava não era suficiente e foi o curso todo assim. Aí, eu trabalhava nas férias também, eu não tinha férias”*. Entre os serviços realizados, Cecília mencionou o trabalho em uma imobiliária, na qual ela era responsável por organizar e limpar os apartamentos vagos. Ela conclui o relato afirmando: *“assim... era muita coisa que eu tinha que fazer para me manter estudando”*.

Sobre o desenvolvimento de sua formação ao longo da graduação, a professora relata que nem sempre podia participar das atividades do curso, principalmente em virtude de questões financeiras: *“às vezes tinha viagem de estudo e eu não podia ir porque eu não tinha dinheiro, não tinha incentivo de nada, assim”*.

Apesar das diversas oportunidades de estágios e bolsas oferecidas na graduação, Cecília afirma que optou por continuar trabalhando como auxiliar de sala, visto que, *“como auxiliar eu tinha plano de saúde, tinha alguns benefícios que era para mim e para a minha filha, né”*. Além disso, enfatiza a necessidade de trabalhar nas férias para complementar a renda, apesar de muitas vezes não se sentir motivada para isso: *“Enfim, e foi indo assim, tinha que trabalhar no verão para juntar dinheiro para poder fazer um curso, às vezes, eu, me dava vontade de parar, porque aquilo não me trazia nada, né”*.

Nessa trajetória, a professora relata ainda que quando estava na graduação, realizou um concurso público para o cargo de professor na Prefeitura de Florianópolis, mesmo ainda não estando formada. Nesse concurso público foram classificadas mais de cinquenta pessoas, e sua

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

colocação foi em quadragésimo quarto. Cecília afirma que ficou feliz por ter sido classificada, mas, ao mesmo tempo, estava preocupada com a possibilidade de ser chamada sem ter concluído a graduação. Porém, segundo ela *“a vida tem uma coisa tão grande, quando as coisas precisam acontecer... Deu tempo de eu me formar e eles chamarem”*.

Assim, posteriormente ao término da graduação e o ingresso como professora concursada no município, Cecília realizou a seleção para uma especialização ofertada pela UFSC. A opção por esse curso, segundo ela, foi devido ao fato de o mesmo ser gratuito: *“porque eu não tinha condição, assim de assumir um curso que eu não tivesse condição de pagar, então eu tinha que fazer gratuito”*. E, por fim, ela conclui o seu relato de História de Vida afirmando: *“Então, terminei a especialização, mas aí também já estava como professora e estou até agora já, estou há cinco anos”*.

História de vida de um trabalhador offshore

Cláudio é um trabalhador *offshore* atuante na região da Bacia de Campos, no estado do Rio de Janeiro, localizado na região Sudoeste do Brasil. O trabalho *offshore* é considerado como toda atividade laboral realizada em alto-mar (Figueiredo, 2012) e é majoritariamente desenvolvida por homens. A área de atuação de Cláudio é o setor petrolífero. Os regimes de trabalho *offshore* apresentam diversas modalidades e variam de acordo com o cargo e a empresa contratante. Entretanto, na área de exploração e extração de petróleo predominam dois regimes em especial: 14x14 (14 dias embarcados em alto mar e 14 dias de folga em terra), este regime normalmente é exercido pelos trabalhadores terceirizados/as, e 14x21 (14 dias embarcados e 21 dias de folga em terra), exercido em sua maioria pelos trabalhadores concursados da Petrobras, como é o caso do entrevistado.

Cláudio nasceu em uma cidade pequena no interior do estado do Rio Grande do Norte – RN, região Nordeste do Brasil. Trabalhou *“fazendo bicos”* desde os 15 anos para ajudar a família, junto com seus dois irmãos. Aos 18 anos prestou concurso público para a empresa Petrobras e passou na área de manutenção técnica, pois tinha formação em dois cursos técnicos. Foi seu primeiro emprego no mercado de trabalho formal: *“Estou na companhia (Petrobras) desde 1985, eu iniciei no Rio Grande do Norte trabalhando em terra. Mas eu tinha um regime igual ao offshore, mesmo trabalhando em terra”*.

Alguns anos após estar concursado, Cláudio e sua companheira tiveram sua primeira filha. Cláudio conta:

Quando eu entrei na Petrobras eu morava numa cidade de 20 mil habitantes (...) imagina um trabalhador da Petrobras numa cidade pequena, todo mundo acha que você é rico, mas porque o custo de vida praticamente não existe. Eu dizia: quando minha filha completar cinco anos eu saio daqui. Dizia pra minha companheira e ela dizia: “mas por quê?” Porque não tem nem ensino médio na cidade. Aí eu fui (...) pra capital (Cláudio).

Cláudio e sua família migraram para a capital do RN em busca de melhores condições de vida e perspectivas de futuro para a filha. Tiveram outro filho e por lá permaneceram durante muitos anos. Nesse período, Cláudio já estava trabalhando embarcado, no regime *offshore* e sua companheira era responsável por todos cuidados da casa. Ele relata que, após alguns anos no trabalho, mesmo ganhando o dobro do que ganhava em terra, começou a sentir os efeitos do regime de embarque e planejou outra forma de renda: *“Eu (...) montei um comércio. Fui panificador, e era cheio de ideias e tal. Mas o meu trabalho dentro da Petrobras não permitia eu gerenciar. Então pra ter um sucesso financeiro era muito forte”*.

Após alguns anos morando na capital e com seu negócio indo à falência, Cláudio relatou que a situação começou a mudar no cenário nacional da indústria petrolífera e que sentiu necessidade de se qualificar mais. *“Com o boom do petróleo, Bacia de Campos, por uma nova sistemática e filosofia industrial, de produzir mais e tal, automação industrial, né? Eu fui treinar durante 1 ano, fiquei dedicado na escola técnica, pra pegar as novas tecnologias e já vim pra essa outra área de atuação”* [onde está hoje].

Após finalizar os estudos, Cláudio se mudou para a cidade de Macaé, Rio de Janeiro, onde começou a embarcar em plataformas na região da Bacia de Campos. Como a nova situação era incerta, sua família permaneceu no RN e se mudou para Macaé cerca de três anos depois. Cláudio, conta que *“com o crescimento assustador da Petrobras na região, se decidiu criar um sindicato”*. Assim, Cláudio passou integrar o sindicato e a participar assiduamente das lutas de sua categoria, pois como relatou:

“O estereótipo de petroleiro que passa, é uma falsidade aqui. Essa aí [propaganda] não é a Petrobras que eu conheço não. Por

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

trás disso tem toda aquela loucura, né? O homem tá jogado ali a mil por hora. Eu trabalhava 12 horas por dia e folgava 12, com o único inconveniente que eu tinha que ficar preso lá [na plataforma]. E é um trabalho intenso”.

O entrevistado enfatizou a intensidade de seu regime de trabalho e o quanto essa condição configurou toda sua vida, dentro e fora do trabalho, com destaque para sua dinâmica familiar: “*Eu era o único que ficava em casa [referindo-se ao período de folga em terra], então era uma loucura, a única coisa que eu fazia era buscar meus filhos na escola (...) mas chegou num momento que eu achei que minha folga nem era mais interessante. Porque as pessoas estão na rotina delas, e você fica uma ilha, sozinho*”. Cláudio relata o quanto o regime *offshore* não permitia que planejasse sua vida privada e que participasse de momentos significativos junto a sua família:

A vida do teu filho? Tu não acompanha. “Ah, dias dos pais”. Mas “tô embarcado”. Aí tem alguns anos que tu escolhe: folga o natal ou ano novo? E tem anos que tu passa os dois presos [embarcado em alto mar] Meus amigos combinam com a esposa de embarcar ano novo e natal porque isso vai dar pra eles o equivalente a 60% do salário deles. E a esposa diz “Vai, vai que vamos poder trocar o carro e tal”. E ele vai. E ele sofre. Só quem embarca sofre dessa doença, desse transtorno, porque é uma maluquice. Mas é proveniente de toda sistemática que está envolvida (Cláudio).

Cláudio coloca que o estresse e a distância da família, decorrentes de seu regime de trabalho, trouxeram implicações graves para seu relacionamento familiar: “*No meu 5º ano de embarcado, que seria meu 16º ano de casamento, meu casamento foi embora. A grande situação que ocorre... é que você não tem um outro papel que de apenas provedor... a tua companheira é quem tem que ser mãe e pai, tem que resolver tudo. Você fica mais naquelas de ser consultado e ter que arbitrar a distância*”.

O entrevistado também pontuou o quanto a falta de diálogo com sua família e a falta de compreensão de sua situação laboral foram determinantes em sua história:

Então há uma falta de diálogo entre o companheiro e a companheira no

sentido de dizer “olha, a exposição a qual eu corro durante esses 14 dias, ela é... por mais que achamos que seja compensador, meu filho tá numa escola melhor e tudo mais e compramos um carrinho e temos uma casa que tá boa e tal, mas isso tem um custo muito elevado. Há uma curva na questão comportamental do petroleiro, que ela se acentua a partir do 5º ano. E essa curva não é nada boa. É um momento onde ele entra numa espécie de confusão comportamental, é aí onde começam a aparecer as separações, a questão do álcool e tal e como fazer essa relação com o mundo *offshore* (Cláudio).

Cláudio relata as significativas transformações, não apenas em relação a família, mas também a sua saúde, pois após o divórcio tornou-se alcoolista e chegou aos 115kg. A vida distante da família e amigos em terra, a fala de compreensão de suas condições, as dificuldades de sair desse lugar são aspectos centrais na História de Vida de Cláudio. Mesmo nessas condições, o trabalhador ressalta a dificuldade de romper os vínculos com o regime adoeecedor de trabalho, pois:

Sobre o núcleo família, há uma dependência do petroleiro. Ele, às vezes, não é provedor só da companheira e seus filhos. Existe toda uma cadeia familiar dependendo dele (...) não podemos abrir mão do salário que temos hoje. Eu tenho uma estrutura muito grande de sustentação. Mas aí você vai ver uma pessoa que assim, o próprio corpo já pede, assim, vai embora. Mas ele tá refém, ele tá refém. Porque quando eu for pra aposentadoria integral vai ter um declínio. Porque isso aqui vai ter um impacto muito grande naquele núcleo, no núcleo familiar, uma rede né? Que tá todo mundo dependendo. Poucos conseguiram estruturar a vida lá fora pra dizer: na minha aposentadoria eu vou fazer o que eu planejei fazer e tá tudo certo (Cláudio).

Entrelaçando as Histórias de Vida

Os relatos das Histórias de vida de ambos os entrevistados foram rememorados e direcionados a partir de suas respectivas trajetórias laborais, as quais são conformadas, sobretudo em

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

função de todas as implicações que o trabalho sob a forma capitalista constitui na totalidade da vida humana. Desta forma, quando os entrevistados falaram sobre si, se tornou evidente o entrelaçamento entre a formação particular da vida dos mesmos, com a conjuntura e as relações sociais em que esses estavam inseridos.

Cecília, ao traçar a sua história, revela as contradições vivenciadas por uma jovem que migrou do interior, rumo à capital em busca de melhores condições de vida. Cláudio, quando rememora sua primeira grande mudança de território, também marcada por contradições, afirma que a mesma se deu em função da busca de melhores condições de vida, mas em seu caso, já com família constituída e emprego estável em uma grande empresa nacional.

Os temas da constituição familiar e da necessidade da busca de sustento atravessaram de formas distintas as Histórias de Vidas dos sujeitos entrevistados, em que as relações de gênero firmadas na lógica do capital sobressaltam-se. Cecília tornou-se mãe durante a adolescência e com a total responsabilidade de sustentar a si e sua filha, tendo em vista que não teve suporte do pai. Diferentemente de Cláudio, que ao constituir sua família, ficou responsável pelo sustento econômico da mesma, cabendo a sua esposa todos cuidados da casa e de sua filha, conforme a “tradicional” divisão sexual do trabalho apontada nos tópicos anteriores.

A divisão sexual do trabalho, enquanto um fenômeno historicamente construído, nega a concepção individualizante e culpabilizante dos sujeitos pela forma como se constituíram em suas vidas. Ao contrário, o processo se passa por compreender como o trabalho e as relações de gênero constituídas socialmente na forma capitalista se expressam na vida das pessoas. Em ambas as Histórias de Vida, o trabalho assume um caráter central na vida dos sujeitos, não apenas em sua determinação econômica, mas também nas determinações culturais, psicológicas e simbólicas (Antunes, 2005). Sendo que tais determinações são também constituídas perpassadas pelas relações de gênero. Por exemplo, quando Cláudio teve que se ausentar do convívio com sua família para poder sustentar todos economicamente, passando longos períodos em alto-mar sem convivência ou comunicação com sua família. A implicação disto é que, ao longo do tempo, os laços familiares foram se tornando cada vez mais fragilizados, ao ponto de ocorrer uma separação entre Cláudio e sua esposa, o que segundo os relatos, lhe causou intenso sofrimento psíquico, expresso por meio do aumento de peso e do uso abusivo de álcool.

Enfatizamos que o regime de embarque implica que os trabalhadores se ausentem de suas

casas constantemente e por períodos consecutivos. Essa condição do trabalho *offshore* desorganiza a vida social e familiar dos trabalhadores e de sua família, além de acentuar a divisão entre trabalho e vida doméstica (Alvarez, Figueiredo & Rotenberg, 2010). Conforme aponta Barbosa e Alvarez (2016):

[...] esses esquemas de horário têm sido pensados no masculino, desconsiderando a necessidade do trabalho reprodutivo, que, como vimos anteriormente, é primordialmente atribuído às mulheres nas sociedades contemporâneas mercantis (Barbosa & Alvarez, 2016, p. 119).

Podemos observar na História de Vida de Cláudio, em função de um regime de dedicação integral de trabalho, uma impossibilidade de colaboração e planejamento nas esferas que envolvem a vida privada. A presença e a disponibilidade temporal são quesitos básicos para a gestão da vida cotidiana familiar e pessoal. Todavia, a conformação do regime de embarque *offshore* levanta problemas não só para aqueles que vivem frequentemente “se ausentando”, como é o caso de Cláudio, mas também para aqueles que permanecem em terra. É importante apontar a contradição da forma de trabalho assumida por Cláudio que, por um lado, o coloca num lugar único de “bom fornecedor” de condições materiais como educação, vestimenta e alimentação, mas por outro, o retira da vida social familiar, delegando a totalidade do trabalho doméstico e cuidados com os membros familiares para sua esposa.

No caso de Cecília, a totalidade da responsabilidade pelos cuidados de sua filha e a conciliação entre maternidade e trabalho colocou-a em contradição com a possibilidade de criar melhores de condições materiais de vida. Nesse sentido, é importante pontuar os atravessamentos entre a maternidade e as relações de trabalho na vida de uma mulher, visto que a professora coloca como negativo o fato de ter engravidado na adolescência, julgando-se “imatura” e responsabilizando-se pelo ocorrido. A totalidade dos cuidados da criança implicou na desistência e nos atrasos de sua qualificação profissional, além da necessidade de realização de diferentes trabalhos temporários, sem vínculo empregatício, para sobreviver e manter sua filha. Com isso, destacamos que uma análise da condição ocupada pela mulher no trabalho produtivo, não deve desconsiderar o lugar ocupado por ela na esfera privada da vida. Visto que, para a mulher, a vivência do trabalho normalmente implica na combinação dessas duas esferas, seja pelo

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

entrosamento, seja pela superposição (Bruschini, 1994).

A interrupção do desenvolvimento de uma ocupação devido à maternidade, é um fato que está presente nas situações de trabalho de quase todas as mulheres, independente de seu estado civil (Saffioti, 2013). As interrupções e o retorno às atividades depois de um longo período de inatividade são fatores que pesam no encaminhamento das mulheres para ocupações subalternas e precariamente remuneradas (Saffioti, 2013).

Desta forma, o que podemos observar a partir dessas análises é que não se trata meramente de uma questão dos sujeitos se ajustarem ou buscarem novas formas de gerir a vida diante dos contextos adversos. Mas sim, a necessidade da construção de alternativas coletivas frente tais processos. Nessa direção, a partir das análises das Histórias de Vida dos sujeitos temos alguns elementos para compreender as discussões sobre igualdade e equidade de gênero no mundo do trabalho, por exemplo. Bruschini (1994) indica que é preciso investir em duas frentes no que diz respeito a tal questão:

De um lado proteção especial para as mães e benefícios que facilitem a todas as trabalhadoras a realização de suas múltiplas tarefas. Alguns desses benefícios no entanto como creches e períodos escolares mais extensos deveriam ser estendidos a todas as crianças. Outros como jornadas parciais de trabalho e/ou flexibilização de horários deveriam ser planejados para trabalhadores de ambos os sexos de tal forma que homens e mulheres pudessem contar com condições concretas para conciliar suas atividades domésticas e profissionais (Bruschini, 1994, p.31).

Entendemos como importante tal questão sobre as proteções sociais e soluções parciais, contudo as mesmas devem ser cuidadosamente analisadas e acompanhadas para não serem fundamentadas em contradições. Como, por exemplo, reafirmar que a maternidade deve ser encarada como uma atividade exclusiva das mulheres. Saffioti (2013) aponta que, estando a sociedade interessada no nascimento e socialização de novas gerações, como uma condição de sua própria sobrevivência, é ela que deve pagar parte do preço da maternidade. Isto é, encontrar soluções satisfatórias e coletivas para os problemas de cunho profissional que a maternidade produz para as mulheres. Ao contrário disso, o que vemos na

realidade é a criação de uma série de contradições que perpassam a vida das mulheres.

Em relação aos trabalhos temporários que ambos os sujeitos afirmaram ter realizado, mas que mais estiveram presentes na história de Cecília, podemos observar isso como um dos reflexos do próprio movimento de ampliação da necessidade dos mercados se inserirem no mundo globalizado. Visto que tal movimento acentuou a heterogeneidade das situações de trabalho, tendo como consequência a expressiva inserção do trabalho feminino em diversos contextos e formas laborais. Essa expressiva inserção vem acompanhada da precarização ainda maior da força de trabalho feminino, da informalidade do trabalho e da redução das legislações trabalhista (Nogueira, 2004).

Alguns relatos da professora corroboram tais fatos históricos, como, por exemplo: “às vezes me dava vontade de parar”, ou “era tanta coisa para me manter estudando”. Dado que Cecília relata que, mesmo tendo um trabalho considerado estável, como auxiliar de sala, tinha necessidade de conciliar o mesmo com outros empregos temporários para complementar a sua renda.

Por fim, é ainda evidente nas histórias dos entrevistados que suas ocupações são típicas de seu gênero a partir da lógica capitalista, tratando-se da reprodução da divisão sexual do trabalho, a qual contribui para a desigualdade de gênero. Isto é, cabe às mulheres os trabalhos que envolvem o cuidado, a limpeza e o ensino, conciliado com os cuidados familiares na vida privada. Além disso, tais funções são naturalizadas a ponto de não serem questionadas, mas simplesmente reproduzidas. E aos homens cabem as formas de trabalho que envolvem competências sociotécnicas de alta complexidade e de intensas horas de trabalho, deslocando-os automaticamente da esfera reprodutiva. Desta maneira, neste ritmo intenso de trabalho, outras pessoas (usualmente mulheres) acabam como responsáveis por toda vida privada da família, como o cuidado de seus filhos e gerenciamento do lar.

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo apresentar as potencialidades de uma abordagem biográfica para evidenciar as articulações entre gênero e trabalho, por meio da análise das histórias de vida de dois trabalhadores brasileiros que exercem ocupações tipicamente femininas e masculinas. Ao analisarmos os relatos de Cecília e Cláudio podemos compreender como se constituíram suas respectivas Histórias de Vida, únicas e particulares, produzidas num processo dialético econômico e sociocultural situado. Suas

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

trajetórias, no enlace entre as categorias gênero e trabalho, foram marcadas por contradições, empasses, superações, vitórias e por muito labor.

Como apontado no início desse estudo, as configurações da sociedade contemporânea passam por significativas transformações e criam formas heterogêneas de organização das esferas produtiva e reprodutiva. A compreensão das sociabilidades contemporâneas por meio das investigações biográficas, especificamente pelo método de História de Vida, permite o aprofundamento das histórias dos diferentes sujeitos e a construção de conhecimento baseado em suas condições concretas de vida. Observamos a importância de considerar a centralidade do trabalho nas pesquisas e intervenções em Psicologia. Para isso, a Psicologia Social do Trabalho contribui apontando para a necessidade de tornar evidente as múltiplas relações que se estabelecem entre os sujeitos e seu contexto de trabalho, à luz de uma perspectiva

crítica e embasada historicamente (Sato, Coutinho & Bernardo, 2017).

O movimento de construção de memórias fundamenta-se no contexto das abordagens biográficas, em que temos a possibilidade de articular a singularidade dos sujeitos, com a totalidade social. Com isso, temos a possibilidade de evidenciar, a partir de uma riqueza de detalhes e conteúdo, diferentes aspectos que muitas vezes as histórias oficiais não adentram. Mais especificamente, como vêm se constituindo as particularidades da vida humana em um contexto histórico marcado pelo rearranjo do mundo do trabalho.

Finalizamos afirmando que o tempo socialmente desenvolvido e evidenciado ao longo das Histórias de Vida de Cecília e Cláudio, assim como de muitos outros trabalhadores brasileiros, ainda é majoritariamente preenchido na luta para a manutenção das condições básicas de vida que permitem, muitas vezes, apenas a sobrevivência.

Notas

ⁱ Entre estudos no respectivo campo podemos citar os seguintes: Braga, N. L. et al. (2015); Carreteiro, T. (2017); Coutinho, M. C. (2018); Maciel et al. (2011); Pinto et al (2015).

²A quantidade de participantes é coerente com as orientações do método de Histórias de Vida, uma vez que esse exige poucos casos para propiciar um maior aprofundamento da investigação biográfica. Cabe pontuar que contamos com todos os procedimentos éticos cabíveis, entre esses, aprovação por Comitê de Ética e o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com cada participante.

ⁱⁱⁱ Paraná e Santa Catarina são dois estados localizados na região Sul do Brasil.

Referências

- Alvarez, D., Figueiredo, M. & Rotenberg, L. (2010). Aspectos do regime de embarque, turnos e gestão do trabalho em plataformas offshore da Bacia de Campos (RJ) e sua relação com a saúde e a segurança dos trabalhadores. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 201-216. doi:10.1590/S0303-76572010000200004.
- Antunes, R. (2005). *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2009). *Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. (2a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Barbosa, A. R. G; Alvarez, D. (2016). Trabalho feminino no setor offshore na Bacia de Campos-RJ: percepção das trabalhadoras e estratégias usadas na gestão dos tempos de vida e de trabalho. *Revista Gestão e Produção, São Carlos*, 23 (1), 118-131. Acessado em 25 de outubro de 2019, em <http://www.scielo.br/pdf/gp/v23n1/0104-530X-gp-0104-530X1600-14.pdf>
- Barros, V. A. de, & Silva, L. R. da. (2014). A pesquisa em Histórias de vida. Em Goulart, I. B. (Org.). *Psicologia Organizacional e do Trabalho: Teoria, Pesquisa e Temas Correlatos*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP.
- Braga, N. L.; Lima, D. M. A. & Maciel, R. H. (2015). “Não Tinha Trabalho, mas Tinha Reciclagem”: Sentidos do Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis. *Temas em Psicologia*, 23(4), 1051-1059.
- Bruschini, C. (1994). Trabalho feminino: Trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. *Revista Estudos Feministas*, 1(94), 17-32.

Histórias de vida em Psicologia: articulações entre trabalho e gênero

- Carreiro, T. C. (2017). História de vida laboral e aposentadoria: uma metodologia em discussão. *Psicologia em revista*, 23(1), 430-441.
- Chamon, M. (2005). *Trajetórias de Feminização do Magistério: Ambiguidades e Conflitos*. Autêntica: Belo Horizonte.
- Coutinho, M. C.; Maders, T. R.; Westrupp, M. B. & D'Avila, G. T. (2018). História de uma trabalhadora doméstica. *Athenea Digital*, 18(2), e1940.
- Falquet, J. (2016). Transformações neoliberais do trabalho das mulheres: Liberação ou novas formas de apropriação? En Abreu, A. R. de P., Hirata, H. & Lombardi, M. R. (Orgs.). *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais* (pp. 37-46). São Paulo: Boitempo.
- Ferrarotti, F. (2007). Las histórias de vida como método. *Convergencia*, 14(44), 15-40.
- Figueiredo, M. (2012). *A face oculta do outro negro: trabalho, saúde e segurança na indústria petrolífera offshore da Bacia de Campos*. Niterói: UFF.
- Fontoura, N. & Rezende, M. T. (2017). *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*. Brasília, DF: IPEA.
- Holzmann, L. (2011). Divisão social do trabalho. In Cattani, A. D. & Holzmann, L. D. (Orgs.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia* (pp.103-106). Porto Alegre: Zouk.
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. En Hirata, H. et al. (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo* (pp. 67-75). São Paulo: Editora Unesp.
- Lameirão, A. P. (2011). *Mercado de trabalho, desigualdade social e gênero*. Anais do Seminário Nacional da Pós-graduação em Ciências Sociais, UFES.
- Maciel, R. H.; Matos, T.; Borsoi, I. C.; Mendes, A. B.; Siebra, P. T. & Mota, C. A. (2011). Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, 63 (no.spe.): 71-82.
- Meneghel, S. N. (2007). Histórias de vida: notas e reflexões de pesquisa. *Athenea Digital*, 12, 115-129.
- Nogueira, C. M. (2004). *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. Campinas: Autores associados.
- Pinto, B. O. S., Carreiro T. C. O. C. & Rodriguez, L. S. (2015). Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5), 941- 985.

Fecha Recepción: 12-02-2019

Fecha Aceptación:20-12-2019